

Luís Manuel Guerra Neri

Director do Serviço Regional de Protecção Civil e Bombeiros da Madeira

O mundo tem-se deparado quase que continuamente com um conjunto muito diversificado de situações que têm provocado constantes alterações na estrutura das suas populações, do seu "modus vivendi", com reflexo no conjunto de recursos necessários ao seu apoio. A profusão, a nível mundial, de situações potencialmente catastróficas e a inerente capacidade de projectar os meios de socorro, em tempo útil, aliadas a cenários diferenciados mas motivadores de riscos potenciais obrigam a que, as estruturas de apoio sanitário, entre outras, tenham um grau de prontidão elevado para poder ocorrer, interna e externamente, aos pedidos que lhe possam ser efectuados.

Os factores endógenos e exógenos que estão na origem de diversos acontecimentos provocados por fenómenos de origem natural e/ou tecnológica, embora muitos deles precipitados pela inerente necessidade do desenvolvimento socioeconómico, vieram demonstrar que, hoje e no futuro, as dificuldades que se colocam aos planeadores vão conduzir a situações cada vez mais complexas e a uma cada vez maior necessidade de prontidão e disponibilidade dos meios de socorro.

Naturalmente que esta evidência tem provocado, nos responsáveis e decisores das regiões autónomas insulares, um conjunto de sentimentos comuns porque, o seu relativo isolamento se faz sentir de um modo especial quando ocorrem situações de acidente grave ou catástrofe, com limitações de vária ordem e que só devidamente acauteladas poderão ter o êxito que todos pretendem nessas situações. Os projectos conjuntos das regiões da Macaronésia têm sido orientados para que a satisfação do desiderato anteriormente referido seja uma realidade.

A manutenção de um processo sustentável de desenvolvimento nestas regiões insulares, cada uma com a sua especificidade e com um conjunto de riscos associados, que exigem um tratamento próprio, processo que poderá obter maior êxito se, em caso de manifestação dos riscos, existir um conjunto de recursos – humanos e materiais – compatíveis, projectáveis, conhecidos, disponíveis para, aplicar em situações indutoras de provocar o accionamento de planos de emergência para catástrofes e situações de acidentes com multi-vítimas.

Assim, para dar resposta a estas necessidades surgiu, no âmbito da Iniciativa Comunitária INIERREG IIII-B, o projecto denominado PLESCAMAC – *Plano de Emergência Sanitária em caso de Catástrofe na Macaronésia*, tendo como parceiros a Gestión de Servicios para la Salud y Seguridad en Canarias, a Câmara Municipal do Funchal, a Secretaria Regional dos Assuntos Sociais do Governo Regional dos Açores e o Serviço Regional de Protecção Civil e Bombeiros da Madeira.

Estando o Projecto PLESCAMAC na sua fase final (termina em Outubro de 2008) e no seguimento de um conjunto muito diversificado de acções tendentes a cumprir os objectivos do projecto (revista *Territorium*, 14, 2007, p. 121-124), teve lugar o Seminário "O Socorro e a Medicina de Catástrofe" realizado no Hotel Tivoli Madeira nos dias 2 e 3 de Junho de 2008, organizado pelo Serviço Regional de Protecção Civil e Bombeiros da Madeira.

O Programa do Seminário pretendeu orientar o tratamento desta temática apresentando, num *primeiro painel*, um conjunto de cenários de catástrofe e a necessidade da ajuda internacional para fazer face a essas situações e, num *segundo conjunto de reflexões*, a análise do contributo que se consegue com a aplicação da medicina de catástrofe e a importância da formação e do treino como condição essencial para a resolução dessas situações críticas.

Deste modo, no dia 2 de Junho, o Seminário apresentou durante a manhã um conjunto de temas que foram moderados pelo Dr. Bruno Miguel Camacho Pereira, Vice-Presidente da Câmara Municipal do Funchal e que tiveram como tema de fundo "Cenários de Catástrofe". Cenários de riscos variados, com uma dinâmica que se verifica em todo o mundo e condicionados por um conjunto de factores que devem ser objecto da maior atenção por parte dos responsáveis. Assim, o primeiro dos painéis, contou com intervenções do Prof. Doutor Luciano Lourenço, Geógrafo da Universidade de Coimbra, que nos apresentou *A assimetria das ameaças potencialmente catastróficas: sua caracterização a nível internacional* e na qual pretendeu demonstrar a variedade de ameaças catastróficas que se registam por todo o mundo, associadas a actividades tectónicas e magmáticas nas placas, derivadas de

causas eólicas e outras de carácter meteorológico. Não foram esquecidas origens relacionadas com causas biológicas. Foi feita referência às catástrofes de natureza antrópica e aquelas que podem ter uma origem mista (natural ou antrópica). O Engenheiro Mário Macedo, Comandante da Companhia de Sapadores Bombeiros de Setúbal, apresentou-nos o tema *A ameaça NRBQ e o socorro subsequente. Cenários admissíveis e sua provável evolução* com um enquadramento dos agentes NRBQ no contexto das armas de destruição em massa e uma abordagem da aplicação dos mesmos em acções que não de guerra e que implicações podem ter para os agentes de protecção civil. A preleção que se seguiu esteve a cargo do Mestre António Arraro, Director da Escola Superior de Saúde de Alcoitão e teve como fundamento *As pessoas como motor do desenvolvimento de uma sociedade. A importância da segurança humana nas acções de protecção civil* onde foi procurado enaltecer o papel do homem na sociedade de risco, com uma globalização cada vez mais acentuada mas onde as vulnerabilidades se encontram em cada momento, em cada lugar. O papel do Estado na garantia de segurança das populações em que sentido se deve verificar? E a protecção civil que lugar tem na sociedade dos nossos dias? Para terminar o período da manhã, o Prof. Doutor Renato Bandeira, do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, abordou o tema *Situações de catástrofe ~ os implicados* onde começou por dar uma ideia do que se pode entender com a palavra "implicado", a que universos este conceito pode ser aplicado e de que forma os serviços de socorro e de emergência devem ser organizados para que os "implicados" possam ter a ajuda necessária e adequada à situação.

O segundo painel, dedicado à "Necessidade de ajuda internacional em situações de catástrofe" foi moderado pelo Dr. Carlos Seco, médico anesthesiologista dos Hospitais da Universidade de Coimbra e que integra a equipa VEMER (viatura médica de emergência e reanimação) dos HUC. Iniciou-se com a apresentação do tema *A ANPC como entidade nacional mobilizadora de meios. O apoio de Portugal a outros países. A intervenção do todo nacional em situações de âmbito regional* a cargo da Dr.ª Patrícia Gaspar, Adjunta de Operações Nacional do Comando Nacional de Operações de Socorro que fez a sua intervenção numa óptica de demonstrar que as vulnerabilidades das sociedades não se têm feito acompanhar das necessárias medidas preventivas e, por isso, as situações catastróficas continuam a ter um grande desenvolvimento e o conseqüente reflexo nas

populações. As intervenções dos mecanismos internacionais são essenciais para uma resposta adequada e célere e, neste campo, a ANPC tem conseguido ser a entidade que agrega meios e sinergias para responder a situações internacionais. O Dr. Carmelo Duarte Merelo, Director Regional do Serviço de Urgência Canário, veio mostrar-nos a filosofia que presidiu à eleição do projecto *PLESCAMAC como mecanismo de apoio em situações de catástrofe no espaço da Macaronésia*. No final do dia a Dr.ª Patrícia Cerdeira, jornalista da Antena 1 - RDP veio demonstrar-nos a importância dos órgãos de comunicação social em operações de protecção civil com o tema *O papel do jornalista em situações de emergência e em cenários indutores de catástrofe. A adequada transmissão da informação*. A importância de uma correcta gestão da informação é cada vez mais importante em operações onde o mediatismo das intervenções e dos cenários é cada vez maior. É essencial que, em termos operacionais, a informação utilize meios técnicos que lhe viabilizam a sua difusão, em tempo, mas de uma forma correcta e séria para que o universo receptor possa julgar em conformidade as situações que estão a ser analisadas. Os detalhes podem ser fundamentais na gestão da informação em tempo de crise e, por isso, as relações com a comunicação social tem que ser aberta, correcta de parte a parte e, acima de tudo, séria. Só assim se poderá melhorar a relação entre elementos fundamentais para o sucesso das operações.

O dia seguinte, 3 de Junho, centrou-se numa vertente mais especializada do socorro: a Medicina de Catástrofe e a Formação e o treino que lhe podem garantir maior ou menor êxito nas operações. O painel da manhã, moderado pelo Dr. Pedro Ramos, Cirurgião do Hospital Central do Funchal e que integra o Serviço de Emergência Médica Regional, foi dedicado à Medicina de Catástrofe, tendo sido abordados os seguintes temas: *Socorro extra-hospitalar em teatros de catástrofe. A intervenção e os meios de resposta da medicina*, pelo Dr. Carlos Seco, médico anestesista dos HUC, que salientou a importância do ciclo de gestão da catástrofe como forma de se enfrentarem possíveis situações que ocorram. A disponibilidade de um conjunto de meios muito diversificado, a sua utilização por um número alargado de profissionais de medicina obriga a que o seu melhor desempenho tenha por base a educação, a formação e o treino. O Dr. Rui Oliveira, médico cardiologista do Hospital Central do Funchal, apresentou o tema *Cardiologia em situações de excepção* salientando a importância que, num hospital com as características do Hospital Central do Funchal, esta especialidade tem por forma a que

quando ocorram as referidas situações de acidente grave ou catástrofe os cardiologistas possam corresponder às muitas solicitações que lhes vão ser colocadas. *Traumatismos em contexto extra-hospitalar* foi a apresentação que o Dr. Pinto da Cruz, médico cirurgião do Hospital Central do Funchal, elemento que integra o Serviço de Emergência Médica Regional/SRPCM e responsável pela equipa de formação do mesmo serviço, que se seguiu. Referiu a necessidade de operacionalizar com rigor, rapidez e consistência a abordagem ao trauma numa região insular, onde o relevo acidentado coloca muitos problemas, especialmente no acesso e tempo de intervenção. O treino dos diferentes elementos do socorro pré-hospitalar na Região Autónoma da Madeira estão sujeitos a estes condicionamentos. Para concluir o programa da manhã, a Prof^a Doutora Maria José Carneiro de Sousa, médica especialista em Medicina Legal, trouxe ao seminário uma área de importância acrescida subordinada ao tema *Implicações médico-legais em situações de catástrofe*. Situações de catástrofe são, normalmente, sinónimo de vítimas humanas e, por isso mesmo, a importância desta temática no contexto social que delas decorrem. A organização de equipas multidisciplinares tem que integrar especialistas de medicina legal, salientando que a intervenção da medicina legal também se preocupa com os sobreviventes.

O painel da tarde foi orientado para a "Formação e treino na Macaronésia. A capacidade de intervenção, em situações de catástrofe, na Região Autónoma da Madeira", tendo como moderador o Sub Director do SRPCBM, o Tenente Coronel Pedro Barbosa. Um primeiro tema procurou tratar a *Formação e o treino necessários para socorrer em situações de catástrofe nos Arquipélagos da Madeira, dos Açores e de Canárias*. A intervenção relativa à Região Autónoma da Madeira esteve a cargo do Dr. Eugénio Mendonça, médico Anestesiologista do Hospital Central do Funchal, coordenador do Serviço de Emergência Médica Regional e que integra a Equipa Médica de Intervenção Rápida/SEMER desde a sua formação. Transmitiu uma perspectiva para a formação e treino dos intervenientes na cadeia pré-hospitalar, como é que se procede à coordenação de todos os agentes nesta vertente do socorro e que disponibilidade de recursos existe para se poder cumprir a missão. Por sua vez, para a Região Autónoma dos Açores foi a Dr^a Irene Pereira, médica consultora de Anestesiologia do Hospital do Divino Espírito Santo em Ponta Delgada, que apresentou a forma como se tem processado a formação, na vertente da catástrofe, na RAA, o conjunto de ações que têm sido realizadas

e com que parceiros, as dificuldades encontradas e a evolução que o tema tem tido. Por Canárias a preleção foi da responsabilidade do Dr. Juan Carlos Espino Arencibia, médico Director do Serviço de Urgências Canário e coordenador dos Projectos Interreg.

Passando à situação particular da Região Autónoma da Madeira foram preparadas três intervenções. Na primeira, o Director do SRPCBM, Coronel Luís Neri, abordou o tema *O SRPCBM enquanto entidade regional com a responsabilidade de socorrer as pessoas e proteger os seus bens* começando por enquadrar, em termos de legislação, as responsabilidades do Serviço na resolução de acidentes graves ou situações de catástrofe. A intervenção nestas situações está a cargo de um conjunto de agentes dos quais se salientam os corpos de bombeiros, o Serviço de Emergência Médica Regional e a estrutura de saúde regional. Por outro lado e para que a intervenção seja coordenada eficazmente existem no SRPCBM dois órgãos que, cada um de sua forma, permitem que os meios adequados sejam utilizados nas situações indicadas: o Centro Regional de Operações de Emergência e Protecção Civil (CROEPC) e o Centro Regional de Operações de Socorro (CROS). Para que o socorro seja bem utilizado o sistema de comunicações de segurança, emergência e defesa da Madeira (SICOSEDMA) é fundamental. O treino é essencial à proficiência que se pretende que os agentes de protecção civil tenham. Para finalizar a importância que os projectos comunitários têm tido como suporte financeiro, de conhecimento e interligação com outros espaços de características semelhantes e que pode servir de espaço para futuros projectos e intervenções conjuntas. De seguida o Sr. António Rocha, Inspector Regional Adjunto de Bombeiros apresentou o tema *Os meios disponíveis para o socorro na RAM. Sua aplicação no Teatro de Operações regional* começando por referir que existem três cenários regionais que podem originar situações de acidente grave ou catástrofe: os aluviões, os movimentos de massa e os fogos florestais. O quadro desejável de meios de que a RAM deve dispor para que, em situações catastróficas, possam ser adequadamente integrados com outros que sejam disponibilizados, em módulos constituídos ou isoladamente, foi também referenciado na apresentação. Para concluir, foram apresentados alguns equipamentos que farão parte do conjunto de meios que a RAM passará a dispor com a conclusão do projecto PLESCAMAC. Para finalizar esta temática regional, o Dr. João Manuel Rodrigues, médico cirurgião cardio-torácico, Director de Serviço e Director Clínico do Hospital Central do Funchal trouxe ao conhecimento da assistência O

Plano de Emergência Hospitalar. Interação com os meios externos na resposta a cenários de catástrofe.

A importância de uma estrutura hospitalar preparada para situações de catástrofe é fundamental para uma região insular. Por outro lado, o conjunto de recursos sempre escassos nestas situações obrigam a que os meios que intervêm no exterior – extra-hospitalar – e os que se revêm no interior do hospital – intra-hospitalar – sejam articulados com proficiência.

Para terminar, o Director do SRPCEM apresentou como conclusões do Seminário as seguintes:

- A diversidade de situações potencialmente catastróficas e a inerente capacidade de projectar os meios de socorro, em tempo oportuno, aliadas a uma grande diversidade de cenários diferenciados, motivadores de riscos potenciais, obrigam as estruturas sanitárias de emergência a estarem disponíveis para poderem ocorrer, interna e externamente.
- As dificuldades que existem hoje e que existirão no futuro para definir uma tipologia de cenários, pois, os factores endógenos e exógenos são de difícil estruturação e cada vez mais complexos. Esta situação obriga a uma grande disponibilidade de meios de socorro.

Para melhor se concretizar o que anteriormente foi referido é necessário:

- planeamento concorrente com todos os agentes;
- coordenação eficaz e comando único das operações;
- meios adequados (recursos humanos e materiais);
- correcta utilização dos meios de difusão de informação (órgãos de comunicação social);
- sistemas de comunicação compatíveis e coerentes nos diagramas de utilização;
- formação e treino cada vez mais frequentes e adequados às situações reais;
- estreita ligação e coordenada entre o socorro no terreno e as estruturas fixas de saúde;
- lições aprendidas passadas aos intervenientes e disponíveis *on-line*.

Conclui-se que este tipo de situações catastróficas não é compatível com intervenções dissociadas umas das outras mas, antes pelo contrário, devemos ter a noção exacta das nossas capacidades reais. A multidisciplinaridade dos intervenientes nestes cenários demonstra, mais uma vez, a necessidade do recurso a organização de acções de protecção civil cada vez mais capazes.